

## Música antiga hoje: a terceira geração no contexto de bares e feiras medievais

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL POR SUBÁREA

SUBÁREA: SA-3

*Bianca Ruzzene Andréo*  
UNICAMP  
*biaandreo@hotmail.com*

*Lenita Waldige Mendes Nogueira*  
UNICAMP  
*lwmn@unicamp.br*

*Suzel Ana Reily*  
UNICAMP  
*sreily@unicamp.br*

**Resumo.** O presente texto fala sobre a associação da música antiga com filmes e séries que retratam o cenário medieval, criando um mundo de arte (BECKER, 2008) em que a música se insere como parte da ambientação. Recentemente, essa associação criou um ambiente propício para a criação de novos grupos que veem nesses espaços a possibilidade de se manterem financeiramente com a execução desse repertório. Assim, usando de conceitos e métodos da etnomusicologia, este texto busca mostrar quais são os grupos que fazem parte desse recorte da música antiga e como essa linha se sustenta e se relaciona com todo o mundo de arte da música medieval de bares e festivais temáticos.

**Palavras-chave.** Etnomusicologia, Música antiga, História da música

**Title.** *Early Music Today: the Third Generation in the Context of Medieval Bars and Festivals*

**Abstract.** The present text deals with a new trend within early music in Brazil identified in the development of the master's research on the subject: the association of this repertoire with films and series that portray the medieval scenario, creating a art world (BECKER, 2008) in that this music is inserted as part of the ambiance, which involves several other elements. Thus, using concepts and methods of ethnomusicology, this text seeks to show which groups are part of this thematic clipping of early music and how this line is sustained and related to the entire art world of medieval music from bars and themed festivals.

**Keywords.** Ethnomusicology, Early Music, History of Music

## Introdução

A música antiga, compreendida como a música europeia entre o fim do Império Romano e o começo do período Barroco, foi redescoberta e pesquisada pelo chamado “Movimento da Música Antiga”, no século XIX. Para reproduzir esse repertório da forma mais fiel possível, os músicos desse movimento tiveram um intenso trabalho de pesquisa em tratados, pinturas e partituras. Porém, alguns aspectos dessa música são impossíveis de recuperar com exatidão, cabendo aos intérpretes preencherem as lacunas existentes conforme suas pesquisas de como ela teria soado e conforme suas ideias sobre a sonoridade desse repertório.

Apesar de a música antiga ter sonoridades muito diferentes em diversos grupos, nota-se que cada geração desse movimento tem a sua própria forma de pensar, forma essa que guia o desenvolvimento de práticas performativas do repertório. Dessa maneira, o presente trabalho tem por objetivo apresentar um histórico das ideias que guiaram o movimento da música antiga no Brasil em cada geração para apresentar uma nova tendência, que pode ser considerada como uma terceira geração da música antiga no Brasil, e como ela se relaciona com o desenvolvimento de um mundo de arte que se cria a partir do interesse atual em filmes, séries e jogos que retratam o período medieval.

## O ressurgimento da música antiga

As primeiras iniciativas de resgate da música antiga de que se tem registro foram a criação da Academy of Ancient Music em 1720 (AUGUSTÍN, 1999; HAYNES, 2007) e os concertos de música renascentista patrocinados por homens abastados que eram feitos em suas próprias casas no final do século XVIII e início do século XIX (AUGUSTÍN, 1999). Apesar dessas primeiras iniciativas, o resgate da música antiga só começa a tomar corpo como movimento a partir do final do século XIX -período em que as iniciativas de pesquisa e performance desse repertório se intensificaram na Europa, formando um movimento maior e mais organizado. Já neste novo formato mais estruturado, alguns pesquisadores começam a se referir aos pesquisadores dedicados a esse repertório como “Movimento da Música Antiga” (TARUSKIN, 1995; SHELEMAY, 2001). Com efeito, a maior parte dos teóricos reconhecem o ano de 1829 como o marco em que se inicia o referido Movimento da Música Antiga, sendo

esse o ano em que ocorreu a apresentação da “Paixão Segundo São Mateus”, de Bach, regida por Mendelssohn em comemoração aos 100 anos de estreia da peça.

Inicialmente, o movimento se preocupou em buscar as melodias medievais, renascentistas e barrocas em livros ou outras fontes para tocá-las em instrumentos mais recentes e conforme a estética do período em que se encontravam. No entanto, no final do século XIX começa a surgir a ideia de tocar esse repertório em instrumentos originais e réplicas de instrumentos da época. Com o surgimento dessa ideia, alguns seguiram fazendo a música antiga sem se preocuparem com os instrumentos e a estética do período em que a música foi criada, enquanto outros começam a pesquisar as práticas interpretativas antigas para compreenderem como e onde a música antiga era tocada quando ela foi criada, para pautarem suas performances nas práticas “originais”. Desse interesse em recriar a música da forma como era feita no passado, surge o conceito de performance “autêntica”. Vale apontar, contudo, que esta proposta foi logo criticada por vários musicólogos por a chamada “autenticidade” levar em conta somente alguns aspectos musicais, desconsiderando outros (FABIAN, 2001, TARUSKIN, 1995)<sup>1</sup>. Dessa forma, então, esse conceito foi substituído pela ideia de “Performance Historicamente Informada” (AUGUSTÍN, 1999).

Até o começo da Segunda Guerra Mundial, o Movimento da Música Antiga se concentrava na Europa, particularmente na Alemanha, Inglaterra e França. Por conta do conflito, contudo, muitos músicos ligados ao movimento deixaram a Europa, refugiando-se no continente americano, trazendo consigo seus instrumentos, partituras e práticas, expandindo a música antiga para outros continentes.

## **A primeira geração da música antiga no Brasil**

Pouco se tem sobre a história da música antiga no Brasil, mas, segundo Kristina Augustín (1999), o marco da música antiga no Brasil foi a apresentação do trio Borislav Tschorbov, Violetta Kundert e Wasilij Jeremejev em 1949. A autora explica em seu livro que assim como na Europa, houveram também algumas movimentações anteriores mas somente a partir dessa apresentação é que começaram a ser criados no Brasil os grupos que formariam a primeira geração brasileira focada nesse estilo musical. Segundo a autora, esses grupos da

---

<sup>1</sup>A crítica ao Movimento da Música Antiga se deu principalmente pelo fato de levar em conta, para a performance “autêntica” elementos como número de repetições de uma música e quantidade de instrumentistas, não se atentando a outros aspectos como o seu caráter oral e improvisatório.

primeira geração buscavam seguir os passos do Movimento da Música Antiga na Europa, preocupando-se com o resgate do estilo e sonoridade “autênticos”. Esses grupos também foram todos influenciados direta ou indiretamente por Borislav Tschorbov e Hans-Joachim Koellreutter, que migrou para o Brasil em 1937.

O Conjunto de Música Antiga da Rádio MEC foi o primeiro grupo a ser formado no Brasil, liderado por Tschorbov e com a participação de muitos instrumentistas europeus. Estes músicos desenvolveram suas práticas a partir da bagagem que traziam da Europa e se apresentavam em igrejas, associações culturais, asilos, escolas, universidades, salas de concerto, embaixadas, museus e na própria rádio MEC.

O Conjunto de música antiga do CBM (Conservatório Brasileiro de Música) foi formado por Ruy Wanderley quando substituiu Helle Tirlor no conservatório. Tanto Helle quanto Ruy eram integrantes do grupo de Borislav e Ruy conta que quase todo o seu conhecimento sobre a música antiga foi adquirido durante a sua participação no Conjunto de Música Antiga da Rádio MEC.

O conjunto criado por Roberto de Regina visava a prática da música barroca, migrando posteriormente para a música vocal renascentista. Ao longo dos anos, o grupo trocou de nome algumas vezes até se fixar como “Conjunto Roberto de Regina”.

A Banda Antiqua se formou do encontro de Nice Rissone, Fernando Moura e Raimo Blink com um grupo de flautas doces de uma comunidade alemã liderado por Gisela Dungs. Nice, Fernando e Raimo se conheceram através do curso de férias da Escola Pró-Arte, criado por Koellreutter, e muitos dos integrantes da banda saíram dela em momentos diferentes para poderem estudar na Europa.

Tanto o curso de férias quanto o seminário de música da escola Pró-Arte foram criados por Koellreutter e tiveram grande importância no desenvolvimento da música antiga nesse momento. Dos alunos do seminário surgiram vários grupos de música antiga e muitos desses foram estudar também na Europa. Os alunos do seminário se focaram na música não ensinada nos conservatórios (a antiga e a contemporânea) e nomes como Paulo Herculano, Diogo Pacheco, Isaac Karabtchevsky, Enrique Gregori, Samuel Kehr, Abel Vargas, Dalton de Luca, Milton Kanji, Ricardo Kanji em algum momento passaram pelo Seminário.

Na Bahia, o Musika Bahia e o Madrigal da UFBA foram criados direta ou indiretamente pela atuação de Koellreutter no estado durante os Seminários Internacionais de Música. O Musikantiga, por sua vez, foi criado em 1966, já incorporando alguns elementos que viriam na

segunda geração. Se apresentavam em ambientes pouco comuns (galerias de arte, igrejas, museus) e com roupas muito diferentes dos ternos de salas de concerto.

## **A Segunda geração da música antiga no Brasil**

A segunda geração, que começou nos anos 1970, foi formada por ex-integrantes dos grupos da primeira geração e por grupos inspirados neles de alguma forma. Essa geração ampliou as possibilidades de repertório e as referências usadas para criar suas versões das músicas. Essa também foi a geração responsável por levar a música antiga em direção a uma maior profissionalização através da atividade docente e da criação de festivais (AUGUSTÍN, 1999).

A segunda geração, que tem como marco de passagem a criação do grupo Kalenda Maya, também foi muito marcada pela influência do pensamento hippie, influência essa que se mostrava na forma de pensar a música, de escolher repertórios, nos locais de apresentação, na forma cênica de apresentar a música e nas roupas escolhidas por eles. Esse ideal de liberdade hippie pode ser visto, por exemplo, nas escolhas de locais de apresentação e de roupas que o Conjunto Pró-Arte Antiqua, nas modificações feitas em instrumentos por grupos como o Academia Antiqua e o Alma Musica e nas representações encenadas do grupo Confraria e de Fernando Carvalhaes.

Instrumentos de tradições brasileiras e orientais foram usados por grupos como a Banda Antiqua, Confraria e Grupo Anima. Até mesmo grupos ainda da primeira geração foram influenciados por estas iniciativas, como o grupo Roberto de Regina, que se apresentou em 1970 nos Estados Unidos com roupas bastante coloridas, ao invés das tradicionais roupas pretas de concerto. Nesse período eram bastante comuns apresentações em parques, museus e igrejas, onde os músicos usavam roupas de época, roupas indianas e até mesmo jeans.

Também era comum que muitos grupos fossem criados e dissolvidos, já que a falta de financiamento para essa música impediu que grupos pudessem se dedicar à sua prática e se desenvolverem (AUGUSTIN, 1999). Exceção a isso foi o grupo de Música Antiga da UFF, que foi contratado pela universidade e pôde se dedicar completamente a apresentações e palestras sobre o tema.

O problema da falta de apoio fez com que a música antiga fosse deixada de lado aos poucos no final dos anos 1990, sendo tocada somente por alguns poucos grupos que ainda

conseguiram se sustentar. Desses, a maioria foram grupos que foram integrados à escolas de música e universidades, como o Grupo de Música Antiga da UFF e a Camerata de Curitiba.

Por esse motivo, a música antiga foi em direção ao conhecimento acadêmico e à performance historicamente informada. Atualmente, contudo, está havendo uma nova onda, gerando o que se poderia considerar uma terceira geração, com características bastante diferentes das duas primeiras.

## **A terceira geração**

Nos últimos anos a música antiga, principalmente a medieval, vem ganhando espaço no Brasil e muitos grupos a estão incluindo em seu repertório. Esses grupos, porém, não são mais grupos acadêmicos, ligados à performance historicamente informada ou com inspirações hippies. Esses grupos são geralmente grupos populares, que tocam em bares e eventos de música medieval, viking ou celta e associam o repertório medieval a esses outros repertórios.

Esse tipo de grupo vem crescendo pelo interesse (dos grupos e da população em geral) na temática medieval/nórdica/viking/celta que vem ocorrendo através da popularidade de filmes e séries como *The Hobbit*, *Game of Thrones*, *The Last Kingdom*, *Vikings*, etc. Essas obras abrem espaço para a imaginação e o crescimento do interesse nessa temática, levando à criação de ambientes inspirados no mundo antigo, que contam com toda uma ambientação do local, comidas inspiradas nos banquetes da Idade Média, uniformes inspirados em roupas da época para os funcionários e apresentações musicais de grupos performando repertórios medievais.

Bares como o Milord Taverna em Campinas e o Taverna Medieval em São Paulo são ambientes onde o entretenimento vem da apreciação de toda a ambientação criada: o ambiente imita os tijolos e pedras das paredes de castelos; existem adereços disponíveis para que as pessoas possam usar e se fantasiar; ambientes temáticos próprios para fotos, como tronos e masmorras, os atendentes estão vestidos com roupas medievais e tratam os clientes por lord/milady e cardápio com nomes inspirados em filmes e séries com temática medieval e fantástica.

Há também os festivais como o Festival Medieval que acontece na cidade de São Paulo, onde há, além de todo o citado, jogos medievais em que os visitantes podem participar e os ingressos são vendidos por "reinos" em que cada reino possui uma descrição de como é, quais suas cores e especialidades. Assim, cria-se todo um universo "medieval" mágico, onde

as pessoas são imersas na experiência através de todos os sentidos e são encorajadas a se vestirem com trajes de época.

**Figura 1 – Decoração e adereços do Milord Taverna, na cidade de Campinas**



Fonte: De autoria própria.

**Figura 1 – Trono e adereços da Taverna Medieval, em São Paulo**



Fonte: De autoria própria.

Esses ambientes criam um mundo de arte (BECKER, 2008) que oferece o suporte necessário para que esses grupos se mantenham financeiramente através de suas apresentações (REILY, 2013). Nesse contexto temos grupos como Hypocrás, Olam Ein Sof, Taberna Folk e Oaklore. Muito desses grupos tendem a se focar, dentro da música antiga, no repertório medieval, expandindo muitas vezes para a música folk/celta/nórdica e criando músicas autorais inspiradas nesses estilos. Hypocrás, por exemplo, é um conjunto baseado em Campinas, formado por quatro músicos que tocam violino, violoncelo, violão e percussão. O nome do grupo, Hypocrás, se refere a uma uma bebida consumida nas tavernas da Idade Média (HYPOCRÁS, s.d.). Além de um repertório medieval, tocam temas de filmes de fantasia do período. Taberna Folk é um grupo do interior de São Paulo formado por cinco integrantes que tocam arranjos que incluem violão, flauta, gaita de fole, percussão, bandolim, violino, harpa e voz. Seu repertório abrange as músicas tradicionais medievais, celtas, germânicas, nórdicas, músicas mais contemporâneas, temas de filmes épicos e músicas autorais (TABERNA FOLK, 2008). Olam Ein Sof é um duo especializado em performance da música medieval e que também desenvolve um repertório autoral inspirado na “música medieval, renascentista, folk, mitologias diversas e mundo etéreo.” (OLAM EIN SOF, s.d.). O Oaklore é um grupo de 4



integrantes que interpreta músicas “medievais, renascentistas, barrocas, folk, celta, clássicos do rock com roupagem medieval, trilhas e temas de filmes, séries e jogos épicos e músicas autorais.” (OAKLORE, s.d.). O nome do grupo significa “sabedoria do carvalho” e entre os instrumentos tocados pelo grupo estão violão, voz, violão com arco, craviola, flauta transversal, flautas doces, tin whistle, escaleta, violão de 12 cordas, bouzouki, oud, bandolim, tambor xamânico, cajón e alfaia.

O crescimento de espaços destinados a essa temática permite uma nova linha dentro da performance da música antiga que ainda é muito recente e pouco estudada, criando um musical (SMALL, 1998) muito rico e autossuficiente. Dessa forma, a pesquisa da qual esse artigo faz parte pretende conhecer esses grupos e a relação deles com a música antiga, com o imaginário sobre a música medieval e como eles se veem perante esse universo que vem crescendo.

## Conclusão

O foco da música antiga no Brasil foi se modificando ao longo do tempo e cada grupo trouxe uma contribuição para esse estilo, mas muitos dos grupos não se sustentaram por falta de financiamento, questão resolvida na terceira geração através do mundo de arte medieval que vem ganhando mais espaço nos últimos anos e permitindo que esses grupos consigam ter aquilo que poucos conseguiram nas gerações anteriores: financiamento para que esses grupos se sustentem.

## Referências

AUGUSTÍN, Kristina. Um olhar sobre a música antiga: 50 anos de história no Brasil. Rio de Janeiro: Augustin, 1999. 130p.

BECKER, Howard S. Art worlds: updated and expanded. California: University of California Press, 2008. 408p.

FABIAN, Dorottya. The meaning of authenticity and the early music movement: A historical review. *International Review of the Aesthetics and Sociology of Music*, p. 153-167, 2001.

HAYNES, Bruce. *The End of Early Music: a period performer's history of music for the twenty-first century*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007. 284p.

HYPOCRÁS. Página inicial. s.d. Disponível em: [https://www.facebook.com/bandahypocras/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/bandahypocras/?ref=page_internal). Acesso em: 17 jun. 2022.



OAKLORE. Página inicial. s.d. Disponível em <https://oakloreband.wordpress.com/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

OLAM EIN SOF. Página inicial. s.d. Disponível em: <https://olameinsof.com/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

REILY, Suzel. From Processions to encontros: the performance niches of the community bands of Minas Gerais, Brazil. In REILY, Suzel; BRUCHER, Katherine (Org.). Brass Bands of the World: Militarism, Colonial Legacies, and Local Music Making. Aldershot: Ashgate Publishing, 2013, p.99-122.

SHELEMAY, Kay Kaufman. Toward an ethnomusicology of the early music movement: Thoughts on bridging disciplines and musical worlds. *Ethnomusicology*, Illinois, v. 45, n. 1, p. 1-29, 2001.

SMALL, Christopher. *Musicking: The meanings of performing and listening*. Wesleyan University Press, 1998.

TABERNA FOLK. Página inicial, c2018. Disponível em: <http://tabernafolk.com/site/>. Acesso em 17 jun. 2022.

TARUSKIN, Richard et al. *Text and act: Essays on music and performance*. Nova Iorque: Oxford University Press, USA, 1995. 387p.

TURINO, Thomas. *Music as social life: the politics of participation*. Chicago: University of Chicago, 2008. 258p.

